



Movimento

ISSN: 0104-754X

stigger@adufrgs.ufrgs.br

Escola de Educação Física

Brasil

Silva, Paula; Botelho-Gomes, Paula; Queirós, Paula
Educação Física, Desporto e Género: o caminho percorrido na Faculdade de Desporto da
Universidade do Porto (Portugal)
Movimento, vol. 12, núm. 1, enero-abril, 2006, pp. 31-58
Escola de Educação Física
Rio Grande do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115315943003>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Educação Física, Desporto e Género: o caminho percorrido na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (Portugal)

Paula Silva
Paula Botelho Gomes
Paula Queirós

Resumo: Em Portugal, a inclusão do desporto nos estudos de género é relativamente recente. A investigação em ciências do desporto ainda não conferiu a devida importância ao carácter estruturante do género nas práticas físicas e desportivas. São, assim, escassos os estudos, teóricos e empíricos, que conjuguem género e desporto. Neste trabalho pretendemos fazer o levantamento dos diferentes tipos de produção académica no âmbito do desporto, da Educação Física e género, realizados na Faculdade de Desporto, entre os anos 2001 e 2005.

Palavras-chave: Educação Física. Desporto. Estudos de Género.

Razões e motivações

A palavra ‘género’, que na língua portuguesa é utilizada nos âmbitos da periodização literária e gramatical, evoluiu, influenciada pelo panorama anglo-americano e especificamente pelas produções da teoria e crítica feministas, incorporando novos significados relacionados com as dimensões política, sexual e cultural (Macedo e Amaral, 2005). Tendo como referência ‘gender’, a palavra ‘género’ surge, cada vez com maior frequência, com o sentido de categoria sexual socialmente construída.

O conceito de género surgiu para romper com uma rígida polaridade binária masculino / feminino, e possibilitar operar com a pluralidade dentro de cada um destes pólos, ou seja, lidar com a diversidade, desmistificando a ideia de mulher e homem universais e transhistóricos (Louro, 2000). Mas a confusão entre género

Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 31-58, janeiro/abril de 2006.

e sexo permanece. Com efeito, parece ser cada vez mais frequente o uso indiferenciado destes dois termos, com o género a ser preferido em relação ao sexo, mas esvaziado da sua dimensão social e cultural. Desta forma, há estudos que utilizam género enquanto variável que categoriza as pessoas que constituem a amostra em ‘género masculino’ e ‘género feminino’, ou apresentam uma análise e discussão dos resultados em função dessa variável género, mas sem qualquer preocupação no entendimento de como a construção social do sexo afecta o desenvolvimento ou os resultados desse estudo. Assim, sexo e género, e não só para o senso comum, são entendidos como termos que confluem e estruturam uma simples relação de oposição mulher / homem.

A distinção entre sexo e género, amplamente debatida pelas feministas desde a década de 70 do século passado, resultou numa área de estudos, os estudos de género.

Os estudos de género só a partir da década de 80 suscitaram o interesse de investigadores/as em Portugal. A combinação de variados factores parece ter contribuído para que a investigação neste domínio, desde 1974¹ até à década de 80, tenha permanecido num estado de latência. O baixo nível de instrução da população (e em especial das mulheres) e a invisibilidade a que foram sujeitas as organizações de mulheres surgidas nos anos 70, conjugados com o facto das ciências sociais terem um desenvolvimento ainda recente no nosso país, impossibilitou a difusão de instrumentos conceptuais e analíticos para o debate e a reflexão naquele domínio. De salientar o facto de o feminismo da primeira vaga ter sido em Portugal muito tardio, se comparado com outros países europeus, e ter esbatido a sua identidade na luta contra a ditadura. A partir da década de 90, o debate teórico acerca das questões de género estende-se à academia e está presente em trabalhos

¹ Em 1974, ocorreu a Revolução do 25 de Abril que depôs um regime de ditadura política em Portugal.

Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 31-58, janeiro/abril de 2006.

académicos em áreas como a psicologia, a sociologia da educação, a geografia humana, a antropologia e a filosofia (Amâncio, 2003; Carmo e Amâncio, 2004).

Devido à escassa investigação no domínio do género em Portugal, a produção teórica não consegue impor uma dinâmica de influência epistemológica na comunidade científica, a não ser de forma pontual e circunstancial (Henriques e Pinto, 2002).

A inclusão do desporto nos estudos de género é relativamente recente, o que pode, por um lado, sugerir um tácito entendimento de ser um tema fortemente associado a pensamentos e acções que simbolizam o masculino, e como tal, mais resistentes à mudança. Por outro lado, a indiferença que as feministas parecem ter conferido ao tema das mulheres no desporto contribuiu para que ficasse arredado da agenda feminista. Interessante notar que os feminismos sempre apelaram ao direito das mulheres no que se refere ao controlo sobre os seus corpos, a decidirem em função de si mesmas, e não de interesses do estado ou de terceiros. Entretanto, raramente atenderam aos corpos das desportistas, nem tampouco aos valores do desporto, bem como negligenciaram as potencialidades de empoderamento através das práticas desportivas nas suas políticas. O desporto é, para muitas feministas, um mundo que usualmente ignoram (Hall, 1990, 1996). Deste modo, o tema das mulheres no desporto parece-nos, ainda, sujeito a uma dupla marginalidade que sustenta as resistências que sempre ocorrem quando queremos falar de mulheres e feminismos no âmbito do desporto, e de desporto no âmbito dos feminismos. Se o desporto parece deslembra a genderização que o estrutura, os feminismos abstraem-se da importância social e cultural do desporto (Silva et al., 2005).

E, em Portugal, são escassos os estudos, teóricos ou empíricos, que conjuguem género e desporto. A investigação nas ciências do desporto ainda não conferiu a devida importância ao carácter estruturante do género para práticas físicas e desportivas e, como

Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 31-58, janeiro/abril de 2006.

tal, não se percepciona uma regularidade deste tema na sua agenda. Na investigação feminista no nosso país, o tema do desporto tem aparecido em iniciativas circunstanciadas começando agora a sensibilizar aquele campo de investigação para a sua importância social e cultural e para o seu potencial em operar mudanças, particularmente no que diz respeito às relações de género e à ordem de género na nossa sociedade.

Mas, qual tem sido a produção científica sobre a temática de género no desporto? Parece-nos oportuno neste momento ter uma noção não só da quantidade de estudos produzidos nesta temática como entender as problemáticas que contemplam e as metodologias que adoptam. Debruçamo-nos, por interesses óbvios, acerca da produção científica de uma única instituição académica – a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Objectivos

Pretendeu-se realizar uma pesquisa onde se procedesse ao levantamento de diferentes tipos de produção no âmbito do desporto e da Educação Física (EF) – teses, capítulos de livros, artigos, resumos – em que o tema género estivesse presente, realizadas no âmbito dos diferentes cursos da referida faculdade (licenciatura, mestrado e doutoramento) ou tendo como autores/as docentes da Faculdade de Desporto.

Tal informação parece-nos imprescindível na interpretação do caminho percorrido no desenvolvimento deste tema e para uma prospecção do rumo subsequente, numa procura de identificar continuidades, rupturas ou alternações.

A decisão acerca do intervalo temporal para a recolha de informação – os anos de 2001 a 2005, baseou-se nas datas de edição de duas produções da temática de género no âmbito do desporto e da EF, que consideramos marcantes a nível nacional:

- Em Dezembro do ano de 2000 foi editado, pela Associação

Portuguesa Mulheres e Desporto (APMD), o livro *Equidade na Educação. Educação Física e Desporto na Escola / Equity on Education. Physical Education and Sport at School*, de autoria de docentes da Faculdade.

- Em Dezembro do ano de 2005 realizou-se o primeiro doutoramento em Ciências do Desporto que tinha o género como tema da dissertação, *A construção/estruturação do género na aula de Educação Física no ensino secundário*.

A presente pesquisa desenvolveu-se em duas direcções: uma primeira, de cariz quantitativo, onde a informação recolhida permitiu, antes de tudo, traçar um quadro geral da situação; e uma segunda, de natureza qualitativa, que analisou as produções que classificamos como estudos cujo tema em causa estivesse presente.

Assim, os resultados desta investigação apresentam-se estruturados em dois momentos:

- o de apresentação dos vários tipos de produções escritas ocorridos ao longo dos 5 anos em apreço;
- o de sistematização das situações críticas decorrentes de uma análise das produções em que o tema género estava presente.

Apresentação do processo de análise

O levantamento das produções na Faculdade de Desporto objectivou duas áreas importantes: uma primeira, as monografias desenvolvidas no âmbito do curso de licenciatura, as dissertações dos cursos de mestrado e as teses de doutoramento; e uma segunda, as publicações dos/as docentes da faculdade.

Monografias, dissertações e teses

A recolha de informação, e respectiva análise, dos trabalhos de conclusão dos cursos de licenciatura, mestrado e doutoramento

Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 31-58, janeiro/abril de 2006.

implicou as duas tarefas previamente delineadas:

- para a de cariz quantitativo, realizou-se² uma pesquisa na base de dados da biblioteca da faculdade, ALEPH, na qual a palavra género estivesse presente num dos campos de catalogação (por exemplo, título, assunto, resumo) e no período considerado (de 2001 a 2005);

- para a segunda, de âmbito qualitativo, os dados resultantes da anterior foram sujeitos a uma análise de conteúdo, com o objectivo de averiguar como o tema género era enquadrado em cada um dos estudos.

A presença género, palavra

Na primeira tarefa, considerando-se os critérios definidos, foi possível identificar, um total de 66 trabalhos: 12 monografias de licenciatura, 50 dissertações de mestrado e 4 teses de doutoramento [Figura 1].

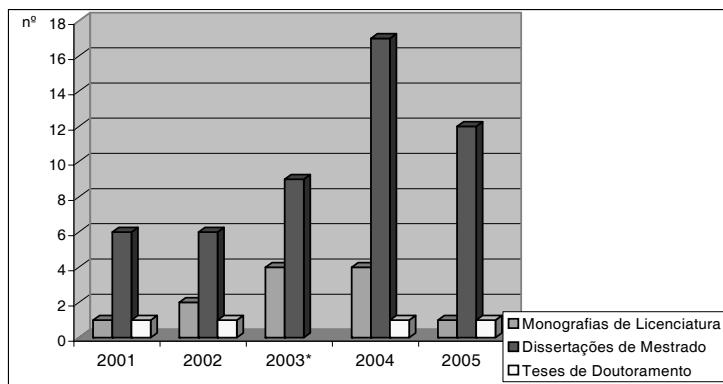


Figura 1: Número e origem dos trabalhos académicos realizados no período de 2001 a 2005 com presença da palavra género.

² Acesso em fevereiro de 2005.

Considerando o número elevado de dissertações de mestrado com presença da palavra ‘género’, impunha-se conhecer como esse valor se repartia pelos distintos cursos de mestrado [Tabela 1].

Tabela 1: Número de dissertações de mestrado com presença da palavra género, por curso e ano de realização.

Curso de Mestrado	2001	2002	2003	2004	2005	Total
Desporto para Crianças e Jovens	1	4	4	5	3	17
Desporto de Recreação e Lazer	1	-	3	7	2	13
Actividade Física para a Terceira Idade	-	-	2	-	1	3
Gestão Desportiva	1	-	-	2	1	4
Actividade Física Adaptada	-	-	-	2	5	7
Treino de Alto Rendimento	-	2	-	1	-	3
Exercício e Saúde	3	-	-	-	-	3

Se atendermos aos vários cursos leccionados na faculdade verificamos que o mestrado *Desporto para Crianças e Jovens* e o mestrado *Desporto de Recreação e Lazer* são os cursos que apresentam um número mais elevado de dissertações com a presença da palavra género, 17 e 13 respectivamente.

Género como categoria analítica

Numa segunda tarefa na recolha de informação procedeu-se a uma análise de cada uma das dissertações para verificar como o tema género era enquadrado no estudo.

Assim, uma primeira triagem aos 66 trabalhos inicialmente encontrados, retirou de análise aqueles em que o género era entendido como sinónimo de sexo. Com efeito, na maioria dos trabalhos, o termo ‘género’ era unicamente utilizado para diferenciar as pessoas da amostra do estudo em relação ao sexo, e, deste modo,

Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 31-58, janeiro/abril de 2006.

surge a variável ‘género’, e as respectivas designações de ‘género masculino’ e de ‘género feminino’ no tratamento dos dados e na apresentação dos resultados.

Deste modo, restaram 13 trabalhos: 2 monografias de licenciatura, 9 dissertações de mestrado (8 do curso de *Desporto para Crianças e Jovens* e 1 do de *Recreação e Lazer*) e 2 teses de doutoramento.

Tendo em consideração o ano de publicação, foi em 2004 que se verificou o maior número de trabalhos: 4 (3 de mestrado e 1 de doutoramento), seguindo-se-lhe o ano de 2002 com 3 (dissertações de mestrado), e os restantes anos (2001, 2003 e 2005) com 2 trabalhos em cada (2001 e 2003 com 1 de licenciatura e 1 de mestrado; e 2005 com 1 de mestrado e 1 de doutoramento). No que concerne ao sexo do estudante, só um dos trabalhos, dissertação de mestrado, foi realizada por um autor.

Chegadas a este ponto, sujeitaram-se a uma análise de conteúdo, para verificar a presença do género enquanto categoria análtica, os 13 trabalhos que a seguir se identificam por origem, autor/a, ano de publicação e título:

Monografias de licenciatura:

Silva, Carla Sofia de Oliveira Pinto da (2001). Estereótipos de género nas actividades de recreio: estudo efectuado na Escola do 1º Ciclo do Ensino Básico de Vera Cruz – Aveiro.

Delgado, Mariana Figueiredo (2003). Estudo da estrutura organizacional, técnica e de gestão do clube desportivo: estudo de caso de um clube desportivo monodisciplinar de voleibol, orientado para o género feminino.

Dissertações de mestrado:

Ferraz, M. Goreti C. (2002). Questões de género na aula de Educação Física : representações de alunas e de alunos do 9º ano da Escola Básica do 2º, 3º ciclos de Santiago.

Caetano, Sílvia Cristina de Oliveira (2005). Representações de género e de etnia : estudo realizado em manuais escolares de Educação Física do 3º ciclo do Ensino Básico.

Santos, Fátima Cristina Matos dos (2001). Da importância dos conteúdos na atitude dos alunos face a aula de educação física.

Brandão, Dulce Maria Ribeiro (2002). Expectativas e importância atribuída à disciplina de educação física : estudo comparativo por género nos alunos do 12º ano de escolaridade nas escolas secundárias do concelho de V. N. de Gaia.

Marques, Helena Isabel de Oliveira (2002). A coeducação no ensino secundário : estudo sobre a actividade física em alunas do 12º ano da escola secundaria de Pombal.

Sousa, Miguel Orlando de Oliveira Alves de (2004). O desporto escolar no concelho de Viseu: que realidade, que motivação dos jovens para a sua pratica?

Queiroga, Fernanda Esteves Blaser (2004). As atitudes dos atletas relativamente ao psicólogo do desporto : da tradução e adaptação de um instrumento à sua aplicação com atletas brasileiros de diferentes modalidades desportivas.

Queirós, Aurelina Maria Gonçalves Macedo (2003). Estilos de vida, autopercepções e actividade física dos jovens : estudo exploratório numa escola secundaria do Vale Sousa.

Queirós, Telma Maria Gonçalves (2004). [Des] igualdade de oportunidades nos manuais escolares de Educação Física do 2º Ciclo do Ensino Básico? Análise das ilustrações e das percepções de professores (as) - estagiários (as).

Teses de doutoramento:

Santos, Maria Paula Maia (2004). Factores de influência da actividade física em adolescentes : estudo da influência da posição sócio-económica, comportamentos sedentários e características do ambiente.

Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 31-58, janeiro/abril de 2006.

Silva, Maria Paula Monteiro Pinheiro da (2005). A construção - estruturação do género na aula de Educação Física no ensino secundário.

Numa primeira leitura flutuante, a análise de conteúdo efectuada permitiu verificar que, em 5 dos 13 trabalhos identificados, o tratamento e a discussão dos resultados apresentavam-se em função do género, mas não tendo o género como categoria analítica. Por exemplo, a dissertação de Fernanda Queiroga (2004): na revisão da literatura, o ponto 2.5.3. intitulado “Efeito do Género, Etnia e Tipo de Desporto nas Atitudes frente a Consulta com o Psicólogo do Desporto”, o género aparece como característica que diferencia “grupos específicos de atletas, isto é, atletas do género masculino, atletas de cor, ...” (p.45). Na parte do trabalho referente à apresentação e discussão dos resultados aparece o ponto (4.3.2.) “Análise em Função do Género” em que a dita análise apenas busca diferenças significativas nos resultados dos e das atletas nas questões agrupadas previamente. Ou como no trabalho de Fátima Santos (2001) que apresenta o género como uma das palavras-chave da dissertação, só porque todos os objectivos do trabalho eram “...em função do género e do nível de habilidade”.

Apesar da ‘inconformidade’ observada na tese de M. Paula Santos (2004), face aos critérios definidos para as sucessivas fases de análise do presente trabalho, iremos mantê-la em análise, pois consideramos que alguns dos resultados serão muito importantes no delineamento de medidas para a promoção da actividade física para as meninas. Os trabalhos que não se declaram como sendo em estudos de género podem, contudo, contribuir para mudanças significativas e perspectivarem novas propostas de estudos de género.

Assim, continuaram sujeitas a uma análise de conteúdo a monografia de licenciatura de Carla Silva (2001), as dissertações de mestrado de M. Goreti Ferraz (2002), Dulce Brandão (2002), Helena Marques (2002), Telma Queirós (2004), Sílvia Caetano

(2005), e as teses de doutoramento de M. Paula Santos (2004) e de M. Paula Silva (2005).

Balanço crítico dos estudos revistos

Os resultados do presente estudo, e com base na informação anteriormente apresentada, impõem uma análise que permita, por um lado, identificar os caminhos já esboçados ou mesmo percorridos na investigação académica na temática género e desporto e, por outro lado, apontar linhas de investigação ainda não exploradas. Neste encalço, procederemos a uma análise crítica que se orienta pela informação proveniente da análise de conteúdo aos 8 estudos considerados.

Os trabalhos académicos em análise privilegiaram uma investigação de âmbito qualitativo o que implica a necessidade de desenvolver entrevistas, realizar observações e obter documentos (Mertens, 1998; Tuckman, 2000). A utilização de entrevistas, como instrumento para a recolha de dados, esteve presente em 6 dos 8 trabalhos, e, consequentemente, em igual número os trabalhos que utilizaram a análise de conteúdo como procedimento para tratamento da informação. O recurso a uma análise estatística dos dados foi utilizado em 4 dos trabalhos. Ambos, métodos qualitativos e quantitativos, estiveram presentes e ambos são importantes, no nosso entender, no âmbito dos estudos de género no desporto. Com efeito, a escolha de uma metodologia num trabalho, além de determinada pelo paradigma de investigação com que o/a autor/a mais se identifica, também deriva da natureza das questões a investigar, de razões de ordem pragmática e do imperativo da investigação realizar-se, ou não, no ambiente natural (Mertens, 1998). Parece evidente que a investigação qualitativa cultiva uma das mais úteis capacidades humanas, a de aprender com os/as outros/as, mas não pressupõe exclusividade num estudo. Ambos, dados qualitativos e quantitativos, podem ser recolhidos no mesmo estudo, porque os respectivos métodos envolvem diferentes forças e

fraquezas, constituindo estratégias alternativas de investigação, e não de mútua exclusão (Patton, 1990). Cientes que as percursoras dos estudos de género denotavam uma clara preferência pela investigação de natureza qualitativa, não podemos arredar a utilização de métodos quantitativos enquanto instrumentos eficazes. A preocupação não deve residir no método em si mas antes no modo como esse método vai ser utilizado, de forma a alcançar os objectivos propostos. Quanto às amostras, a partir das quais se realizaram os estudos, 7 dos trabalhos apresentaram discentes, 3 incluiam docentes e em 2 dos estudos as amostras foram compostas por manuais escolares de EF [Tabela 2]. De salientar que as categorias encontradas quanto à origem das amostras não foram consideradas de exclusão mútua, por isso, por exemplo, quando numa dissertação a amostra era composta por discentes e docentes foram assinalados esses dois elementos.

Tabela 2: Origem das amostras, instrumentos para a recolha dos dados e procedimentos de análise de dados dos trabalhos académicos considerados.

Origem das amostras:	Instrumentos para a recolha de dados:	Procedimentos de análise da informação recolhida:
Docentes de EF (3)	Entrevistas (6)	ANALISE ESTATÍSTICA (4)
Discentes do Ensino Básico e Secundário (7)	Questionários (3)	ANALISE DO CONTEÚDO (6)
Manuais escolares de EF (2)	Observação (2)	
Aulas de EF (1)		

Na maior parte dos trabalhos académicos, uma preocupação central foi a de distinguir o conceito género do de sexo. Apenas o trabalho de M. Paula Santos (2004) e o de Dulce Brandão (2002) não contemplaram uma definição destes conceitos. De um modo geral, os trabalhos referenciaram o uso do termo género para designar as dimensões psicológicas, culturais e sociais do masculino e do feminino, e o de sexo para considerarem a dicotómica distin-

Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 31-58, janeiro/abril de 2006.

ção entre mulheres e homens, baseada em características biológicas determinadas geneticamente. Assim, no contexto dos trabalhos em apreço, a noção de género, como construção social, constitui-se enquanto visão dominante.

Em dois dos trabalhos - Helena Marques (2002) e Silvia Caetano (2005) - à definição dos conceitos de sexo e género, as autoras associaram a noção de estereótipo. Na tese de M. Paula Silva (2005) num dos capítulos aqueles conceitos são associados a biologia e cultura e, num outro, o género é associado ao desporto.

Entre os tópicos presentes, no enquadramento teórico dos trabalhos analisados, encontramos espaços de reflexão acerca das questões do género na sociedade, na educação e, particularmente, no espaço da EF. A referência aos estereótipos de género nas práticas de actividades físicas e desportivas, enquadradas ou não na EF, encontra-se na maior parte dos trabalhos, tal como uma preocupação de salientar a forte influência do currículo oculto, a falsa neutralidade do discurso pedagógico, e até a influência das políticas educativas, numa busca pela igualdade de género na escola. Nesta perspectiva, alguns dos trabalhos reflectem acerca dos vários modelos de escola e sobre a coeducação, como temas fundamentais para uma análise da escola e da EF da actualidade.

Para facilitar a exposição, os trabalhos foram agrupados segundo o seu contexto de realização:

- Manuais Escolares (Telma Queirós, 2004; Silvia Caetano, 2005);
- Actividade Física (Carla Silva, 2001; Helena Marques, 2002; M. Paula Santos, 2004) e
- Educação Física (Goreti Ferraz, 2002; Dulce Brandão, 2002; M. Paula Silva, 2005).

Manuais escolares

Os manuais escolares são materiais pedagógicos, instrumentos de trabalho concebidos para os/as alunos/as e visam o de-

Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 31-58, janeiro/abril de 2006.

senvolvimento de capacidades e aquisição de conhecimentos propostos pelos programas nacionais. E nesta sua função induzem representações do mundo e das pessoas ao disseminarem valores e modelos, e são meios de socialização e de formação de identidades.

A literatura refere que a maioria dos manuais escolares veicula estereótipos e preconceitos sócio-culturais, tratando e representando alunos e alunas de modo diferente, acentuando e legitimando desigualdades entre eles e elas, na medida em que os não têm em conta de um modo equitativo. Parece-nos que, na EF, esta posição será ainda mais perceptível, se pensarmos na origem matricial do desporto que, como sabemos, é hegemonicamente masculina e foi durante muito tempo europeia, ocidental e caucásica. Os estudos que tiveram como objecto os manuais escolares pretendiam analisar, num caso, através das imagens, ilustrações ou textos, quais eram as representações de género e etnia e num outro, se reflectiam igualdade de oportunidades, sem distinção de sexo, etnia ou necessidades educativas especiais.

De facto, a análise de Telma Queirós (2004) e Sílvia Caetano (2005), respectivamente a manuais do 2º (9 manuais) e 3º (7 manuais) ciclos do ensino básico³, revelou que as imagens, que ilustram ou se associam aos conteúdos curriculares e às tarefas de aprendizagem, são maioritariamente masculinas e de origem caucásica. Quando outras etnias estão pontualmente representadas, é mais uma vez a figura masculina que prevalece.

Igualmente se verificou uma associação dos conteúdos ao género: as meninas aparecem mais representadas em capacidades motoras coordenativas e em modalidades como a ginástica, ténis de mesa ou em actividades rítmicas.

A estereotipização dos conteúdos, a diminuta visibilidade do

³ O ensino básico (escolaridade obrigatória) divide-se em três ciclos: o 1º inclui os quatro primeiros anos de escolaridade (do 1º ao 4º ano), o 2º abrange dois anos de escolaridade (5º e 6º ano) e o 3º ciclo do ensino básico é constituído por três anos (7º, 8º e 9º ano).

modelo feminino, o não ser habitual, numa mesma imagem, meninos e meninas estarem representados, a omissão de alunos/as com necessidades educativas especiais ou a presença apenas ocasional de outras etnias, para além da prevalecente na nossa sociedade, expressando a influência do currículo oculto dos autores e das autoras, são resultados e conclusões daqueles estudos, e contrariam o que um manual de uma disciplina escolar deveria expressar, numa escola mista, multicultural e democrática.

Actividade física

Conforme nos alerta uma das autoras, M. Paula Santos (2004), a compreensão dos factores que condicionam e influenciam a actividade física dos/as jovens é especialmente importante por permitir a identificação dos atributos pessoais, dos sistemas sociais e do envolvimento que estão associados aos comportamentos activos. Conhecedores/as que a actividade física tende a diminuir consideravelmente durante a adolescência (Sallis, 2000; Telama e Yang, 2000; van Mechelen et al., 2000), sendo este declínio mais visível nas meninas (Sallis et al., 2000), e que os meninos são mais activos que as meninas em todas as idades (Guerra et al., 2001; Telama e Yang, 2000) a identificação de tais atributos implica, necessariamente, um eixo orientador na análise, ou seja, o género. Não nos parece interessante simplesmente constatar níveis de actividade física significativamente diferentes em função do sexo dos elementos de uma amostra, e não explorar as dimensões culturais e sociais que permitem contextualizar tais resultados, compreendê-los para, a partir daí, ser possível delinejar medidas eficazes para uma mudança em prol de estilos de vida mais activos para todos e para todas.

Carla Silva (2001), na senda de outros estudos, verificou uma forte estereotipia entre o género e os jogos do recreio escolar. Este trabalho é um bom exemplo da construção e reprodução social de estereótipos de género, e como esta construção inibe ex-

Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 31-58, janeiro/abril de 2006.

periências motoras importantes para a literacia corporal e, eventualmente, se repercutem em outras fases da escolaridade noutro tipo de jogos ou actividades físicas. E é numa outra fase de escolaridade que se realiza o estudo de Helena Marques (2002). Esta autora verificou que, numa escola secundária do distrito de Coimbra, as meninas se constituem como um grupo desfavorecido quanto à actividade física, o que parece dever-se a uma desigualdade entre os sexos a nível da orientação escolar e desportiva. Naquele contexto, a participação desportiva extra-escolar é baixa, mas importa aqui não desprezar a intenção manifestada pelas alunas mais activas, isto é, as meninas com maior carga horária de actividade física semanal - elas querem continuar a ser activas e praticantes da modalidade mesmo depois de terminarem a escolaridade.

A tese de M. Paula Santos (2004), embora não apresente como objectivo ou intenção uma análise tendo o género como categoria analítica, as questões de género emergem dos resultados, e a autora como que é compelida a considerar as dimensões sociais e culturais que permitem identificar e compreender factores comportamentais de influência da actividade física em adolescentes.

Esta tese é composta por quatro estudos independentes. (1) actividade física dos/as adolescentes e posição sócio-económica dos pais; (2) variação sazonal na actividade física e nas práticas de lazer de adolescentes; (3) actividade física e comportamentos sedentários em adolescentes, (4) associações entre as características percebidas no envolvimento e a actividade física dos adolescentes. Os estudos (1), (2) e (4) apresentam os resultados em função do sexo. É verdade que o termo género nunca aparece em algum dos referidos estudos, mas a discussão dos resultados tenta ir um pouco mais para além de uma mera apresentação e constatação dos resultados em função dos elementos masculinos e femininos que constituem a amostra. Com base nos resultados encontrados assinalam-se preocupações e apontam-se perspectivas de intervenção que tentem inverter as tendências encontradas, como por

exemplo, no caso do estudo (1)⁴ em que é reduzida a percentagem de meninas entre os 15 e os 18 anos com um nível de actividade física elevado (6,4%). E a autora assinala que tais diferenças parecem estar fundamentalmente relacionadas com o processo de socialização que, de forma marcante, encoraja mais a participação dos meninos em actividades físicas. Nesta sequência, unicamente realça o papel de intervenção da escola na promoção de estilos de vida mais activos para a população feminina, como, por exemplo, pela criação de oportunidades de prática de actividades físicas mais atractivas para as meninas.

No entanto, as justificações para tais preocupações resvalam, por vezes, para uma biologização que concede à mulher o privilégio de uma mais valia no contributo para a saúde da espécie humana⁵.

Outro apontamento interessante diz respeito à intensidade e frequência da actividade física. Os resultados, e ao encontro do que a literatura referencia, apontam que as meninas aderem mais a actividades de baixa intensidade e os meninos a actividades de intensidade elevada. E o mesmo é constatado em relação à frequência de participação tanto em actividades organizadas como não organizadas, o que leva a autora a considerar as meninas como um grupo especialmente em risco de inactividade, pela sua menor frequência de participação e menor envolvimento em actividades de maior intensidade. E, de forma esquiva, escreve que tal situação “*pode ser um reflexo das insuficientes propostas elaboradas pelo sistema formal, especialmente para as meninas*” (p.47), não avançando mais a propósito desta possibilidade.

⁴ Com uma amostra de 1607 discentes do 7º ao 12º ano de escolaridade: 841 sexo feminino e 766 sexo masculino, com uma média de idades de 14.75 anos e DP= 1.6.

⁵ “*Uma maior preocupação com as meninas, enquanto grupo de maior risco de inactividade física, justifica-se não apenas enquanto valorização social do papel da mulher, mas fundamentalmente do ponto de vista biológico, onde as evidências apontam claramente para a maior importância da saúde da mulher para a saúde a longo prazo de toda a espécie humana*” (NATHANIELSZ et al., 2003. p. 44).

Educação Física

A EF é a única disciplina, de frequência obrigatória, do currículo do ensino básico e secundário em que o desporto é matéria de ensino, e onde as relações entre géneros não podem ser ignoradas, uma vez tratar-se de um espaço misto. Vulgarmente associada ao conceito de *aprendizagem para o movimento*⁶, a EF assume-se preponderante ao utilizar a actividade física como um contexto e um meio de aprendizagem, pelo que também deve ser associada ao conceito de *movimento para aprendizagem*⁷. É esta dupla abordagem que distingue a aprendizagem em EF de outras formas de introdução à actividade física e desportiva, tal como a característica de ser um processo sério de aprendizagem, mas com uma envolvência simultaneamente motora e prazenteira, divertida (Talbot, 2003). Conscientes que os entraves ao desenvolvimento de uma prática desportiva podem ter origem nos discursos que circundam e implicam o conceito de género, por estes influírem decisivamente naquilo que as pessoas fazem, onde o fazem e com quem o fazem (Garrett, 2004), coloca-se sempre imperioso questionar qual o papel que a EF e o desporto desempenham na sociabilização de género (Griffin, 1989).

Dos trabalhos agrupados no contexto da EF, o da Dulce Brandão (2002) considera no quadro de preocupações centrais do estudo - “o género como um factor, igualmente preponderante, no desenvolvimento de atitudes para com a disciplina e foco de uma necessária intervenção” (p.7) - embora esta ‘preocupação’ se atenue na definição dos objectivos, uma vez que só um dos sete objectivos do estudo contempla as questões de género: “relacio-

⁶ Aprendizagem das habilidades motoras e dos conhecimentos necessários para participar em variadas actividades desportivas, para conhecer o próprio corpo, os seus limites e capacidades (Talbot, 2003).

⁷ Abarca um conjunto de produtos de aprendizagem não directamente implicado na actividade motora, mas com inegável valor educativo, como sejam, aptidões sociais, saber gerir a cooperação e a competição, saber aplicar juízos estéticos, saber quando e porque motivo diferentes comportamentos e acções são adequados e eficazes (Talbot, 2003).

nar as percepções do currículo de EF desejado e vivido, com a atitude desenvolvida para com a disciplina, particularmente no género feminino” (p.61). E esta dissertação é algo paradigmática porque, embora a informação proveniente das conclusões do estudo seja interessante e útil, é a informação não analisada, não discutida, mas anexada, que contém, em bruto, dados que apelam visibilidade e retêm contributos para uma melhor compreensão das relações de género na EF. A constatação de diferenças significativas na preferência de actividades percepionadas socialmente como apropriadas ao género feminino ou ao masculino, “respectivamente a ginástica e o futebol, com os meninos a desenvolverem disposições particularmente mais favoráveis do que as meninas relativamente ao futebol, e as meninas a desenvolverem disposições francamente mais positivas para com a ginástica” (p.128) foi uma das importantes conclusões do trabalho. Mas o que nos parece ser de assinalar nesta dissertação de mestrado são as respostas das alunas⁸ quando lhes é pedido dois ‘relatos típicos’ relativos a experiências positivas e negativas nas aulas de EF, registadas na categoria designada como género – sentimentos de integração e de imparcialidade *versus* percepção de tratamento injusto e diferenciado pelos pares e professores. Nas experiências positivas apenas foi possível detectar uma afirmação: *ser bem aceite pelos meninos para jogar futebol*. Nas negativas, as ocorrências foram sete (pp. ix-xl) e revelam relações de género, relações de poder, bem conhecidas nas aulas de EF e consideradas ‘triviais’, como por exemplo, *os meninos serem machistas; a superioridade dos meninos relativamente às meninas pensando que só eles é que podem ser bons alunos a desporto; ser diferenciada por ser menina, nos desportos colectivos, principalmente no futebol*.

Já M. Goreti Ferraz (2002) centrou o tema do seu trabalho

⁸ Apenas se contabilizaram relatos cujo teor e declinação gramatical não causavam dúvida de que se tratavam de falas femininas, ou que eram altamente improváveis de serem masculinas, já que a autora, no anexo do trabalho, não identifica o sexo do/a respondente.

Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 31-58, janeiro/abril de 2006.

nas questões de género na aula de EF, no ano terminal da escolaridade obrigatória em Portugal (9º ano). Conforme refere a autora, partindo da voz dos/as clientes do sistema educativo, o estudo pretende “contribuir para tornar visível os discursos de género na EF”, centrando-se na opinião dos/as discentes acerca da EF e acerca do que pensam de si mesmos/as, e dos/as discentes do outro sexo, nas aulas. Os resultados evidenciam que alunos e alunas estão conscientes que as actividades das aulas de EF se adequam mais ao gosto dos meninos, e que outras actividades, mais do agrado das meninas, não são habituais. Um discurso masculino dominante revelava-se nos discentes quando inquiridos sobre quais as modalidades apropriadas às meninas: *todas menos o futebol* (p. 93). A percepção, de alunos e alunas, acerca da competência na EF parece estar, também, impregnada por uma genderização das práticas desportivas: “... os meninos é que têm a mania que são melhores (@&, p. 99); “[As meninas podem ser melhores alunas do que eles porque] elas querem saber mais; nós já sabemos tudo (B&, p.99). A linguagem sexista e homofóbica dos/as professores/as não passa despercebida aos alunos e às alunas, fortes mensagens que atestam a importância de uma detalhada análise às questões relacionadas com o currículo oculto. E quanto a este aspecto saliente-se a semelhança do discurso de meninos e meninas, considerando inapropriada a linguagem sexista, que por vezes é utilizada pelos/as docentes, e identificando o desporto com a masculinidade.

Como referimos anteriormente nestas páginas, a delimitação temporal da recolha de dados para este estudo baseou-se em datas da edição de duas produções que entendemos importantes no tema do género no desporto, sendo uma delas a tese de M. Paula Silva (2005). Esta tese distingue-se por, como a autora faz questão de salientar, ousar percorrer traçados até então não experimentados em trabalhos deste grau académico, ou seja, ter como tema as relações de género no âmbito da EF. Assumindo-se como um estudo de género e com uma perspectiva feminista, aborda reflexões acerca dos feminismos e a ciência, acerca da

continuada discussão sobre os conceitos de sexo e género, e de como perspectivar natureza e cultura num continuum, isto é, “sem limites, sem fronteiras, sem certezas da implicação da natureza «aqui» e da cultura «ali»” (p.50). Também acerca do desporto e do género, com enfoque para a questão dos corpos genderizados no desporto, das mulheres no desporto e da mediatização das suas práticas, e do ambiente homofóbico no desporto que impele a uma feminização acentuada e a uma masculinização hegemónica nas práticas desportivas. Mas é na análise interpretativa dos dados provenientes das entrevistas a docentes, discentes e das observações das aulas, e na sua posterior discussão, que se configura uma eficaz intenção de o género, pese toda a controvérsia sobre a sua definição e até da pertinência do seu uso na contemporaneidade, constituir-se como categoria analítica. Num processo sempre sustentado nos discursos de docentes e discentes, nas acções e/ou interacções observadas nas aulas, os resultados passam para uma fase de discussão, que “fruto de uma contínua circulação entre a informação recolhida pelos vários métodos e o quadro teórico de referência fomos tentando tornar acessível à percepção e à consciência aquilo que uma leitura linear dos dados manteria oculto” (p.163). As conclusões apontam uma constatação de preocupantes situações na estruturação do género nas aulas de EF: este espaço não parece providenciar nenhum poder emancipador no que respeita à situação das meninas e das mulheres no desporto, na medida em que reproduz e reforça crenças e ideologias androcéntricas do desporto. Algumas alunas queixam-se de comportamentos e atitudes dos seus colegas que as incomodavam, as ofendem e as levam a um desinvestimento nas actividades; as práticas desportivas parecem propagandear uma masculinização hegemónica e uma feminização acentuada. A acrescer ao referido, os/as docentes apresentam-se portadores de crenças que condicionam as práticas desportivas a uma adequação ao género, além de que, tal como nos/as discentes, “a genderização do cor-

Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 31-58, janeiro/abril de 2006.

po biológico alicerça e sustenta um corpo social performativo com visíveis repercuções nas formas e movimentos que os corpos femininos e os corpos masculinos no desporto devem apresentar e desenvolver" (p.305).

Esta tese delimitou o tempo da actual pesquisa, mas não as temáticas de investigação do género no desporto. Assumiu-se como o trabalho que marcou definitivamente um novo percurso, percurso já calcorreado, com maior ou menor determinação, com desvios ou alternações, por estudos anteriores.

Publicações do corpo docente

No que se refere às publicações dos/as docentes foram estabelecidas várias categorias para a sua análise. Assim, as várias publicações foram categorizadas quanto:

- ao ano de publicação;
- ao tipo de estudo, em estudos empíricos e estudos teóricos (que inclui textos de revisão e integração da literatura científica);
- às características da publicação, em capítulos de livro, artigos em revistas e *proceedings*, e em resumos de comunicações/*posters*;
- ao âmbito do estudo: Educação Física, Corpo e Desporto.

Na categoria ano de publicação verifica-se um aumento gradual do número de publicações, ao longo dos anos considerados: de 2 publicações em 2001 para 16 em 2005. No valor deste último ano temos de considerar o contributo das publicações respeitantes às comunicações apresentadas ao *II Congresso Internacional Mulheres e Desporto*, realizado em 2003. Interessante também foi observar que, no ano após a realização do referido Congresso, foi mais expressivo o valor de aumento do número de publicações (de 5 publicações em 2003, para 13 em 2004).

Do total de publicações - 39, os estudos de tipo empírico foram em maior número que os teóricos (23 empíricos e 16 teóri-

cos), verificando-se uma nítida tendência nos dois últimos anos para um aumento dos trabalhos de tipo empírico [Figura 2].

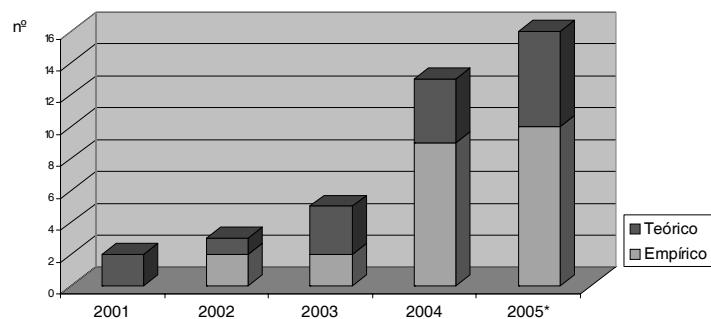


Figura 2: Evolução do número de estudos ao longo do tempo e relação entre estudos de tipo teórico e empírico.

A maior parte das 39 publicações da amostra apresenta-se em forma de artigo (61,5%), seguindo-se a de capítulo de livro (20,5%) e a de resumos (18%).

No que respeita ao âmbito de estudo, *Desporto* contabilizou o maior número de publicações (18), seguindo-se *Educação Física* (15) e, com o menor número, as publicações no âmbito *Corpo* (6) [Figura 3].

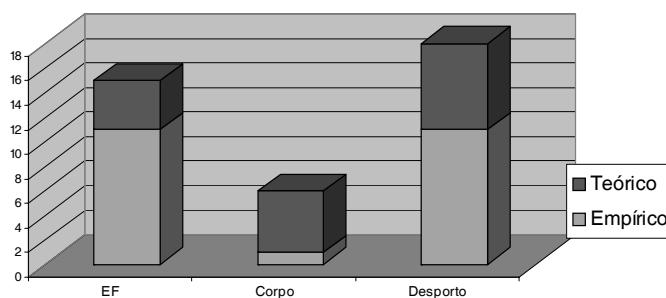


Figura 3: Número de trabalhos realizados por âmbito e tipo de estudo.

Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 31-58, janeiro/abril de 2006.

Ao longo dos anos considerados, o número de publicações no âmbito *Corpo* manteve-se (entre 1 e 2 publicações por ano). Os estudos nos dois outros âmbitos, *Desporto* e *EF*, foram registando um aumento considerável do número de publicações. No âmbito *EF* as publicações duplicaram do ano de 2004 para o de 2005. Já no âmbito *Desporto* verificou-se um crucial aumento do ano de 2003 para o de 2004 (de 1 publicação para 8), mantendo sensivelmente o mesmo número de publicações em 2005 (7 publicações).

Se atendermos ao tipo de trabalho, empírico ou teórico, verificamos que os estudos de tipo empírico foram em maior número no âmbito *Desporto* (11 em 18) e *EF* (11 em 15), enquanto no âmbito *Corpo* se registou em maior número estudos do tipo teórico (5 em 6) [Figura 3].

Nestes três âmbitos, compulsaram-se temas como: o corpo na escola e na EF, corpo, desporto e mídia, distintas leituras axiológicas sobre o corpo; o género nas aulas de EF, género e desporto, género e coeducação, relações de género e organização as actividades nas aulas; mulheres e desporto.

Considerações finais

Exposto o percurso é necessário explorá-lo, perceber o que o atravessa, as encruzilhadas que apresenta e os caminhos com que entronca. A bússola é o género e o desporto; as rotas possíveis afiguram-se numerosas e prontas a serem desbravadas. Urge uma maior sistematicidade de estudos de género no desporto, e uma profícua influência epistemológica que sustente projectos para uma efectiva mudança em prol, por um lado, de uma prática desportiva desgenderizada, e, por outro, do desporto não figurar mais como um espaço onde é mantida ou reforçada a ordem de género.

Esta análise ao caminho percorrido mostra-nos um aumento do número de trabalhos empíricos ao longo do tempo analisado, o que traduz a organização de um campo teórico, bem como a sensibilização para a temática. Mas também nos revela a pouca

atenção dada ao corpo no tema do género e desporto. A genderização do corpo no desporto é dos temas que convida a estudos mais aprofundados, também do tipo empírico. As masculinidades e as feminilidades no desporto, a discriminação de género na prática desportiva, nos órgãos de decisão, no contexto do desporto de alto rendimento, estão, como muitos outros temas, praticamente por identificar na realidade portuguesa. Para além destas lacunas, não podemos ignorar que os estudos de género devem contemplar os diferentes contextos e ofícios do desporto, bem como cruzar com outras dimensões sociais, tais como classe social, portadores de deficiência, idade ou orientação sexual.

Parece-nos igualmente importante que se dê atenção às histórias de vida de desportistas, retirando-as da penumbra e permitindo que se constituam como modelos para os /as mais jovens.

Há, assim, muito caminho a percorrer. Tenhamos saber, arte e caminheiros/as para tal desiderato.

Physical Education, Sports and Gender: the evolution at the Sport Faculty of Porto University (Portugal)

Abstract: The inclusion of sport into gender studies is very recent.

In Portugal there are not many studies that combine gender and sport mainly because the sports sciences research did not confine the relevance to the gender at the sport activities.

With this work we want to do a survey concerning the different types of academic production about sports, Physical Education and gender that had been done at Sport Faculty between the years 2001 and 2005.

Key words: Physical Education. Sports. Gender Studies.

Educación Física, Deporte y Género: el camino recorrido en la Facultad de Deporte de la Universidad de Oporto (Portugal)

Resumen: En Portugal, la inclusión del deporte en los estudios de género es relativamente reciente. La investigación en las ciencias del deporte todavía no confiere una debida importancia al carácter estructurante del género en las prácticas físicas y deportivas. Entonces, son escasos los estudios teóricos o empíricos que confluyan género y deporte. Con este trabajo pretendemos realizar una búsqueda de diferentes tipos de producción académica en el ámbito del deporte, de la Educación Física y género, realizados en la Facultad de Deporte, entre los años 2001 y 2005.

Palabras-clave: Educación Física. Deporte. Estudios de Género.

REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, Lígia. O feminismo é um projecto mas também um método... *Notícias da Amadora*, n. 1526, 2003.

BOTELHO GOMES, Paula; SILVA, Paula; QUEIRÓS, Paula. *Equidade na Educação: Educação Física e Desporto na Escola / Equity on Education. Physical Education and Sport at School*. Lisboa: Associação Portuguesa a Mulher e o Desporto (APMD), 2000.

CARMO, Isabel; AMÂNCIO, Lígia. *Vozes Insubmissas: a história das mulheres e dos homens que lutaram pela igualdade dos sexos quando era crime fazê-lo*. Lisboa: Dom Quixote, 2004.

CORREIA, Anabela; RAMOS, Alda. *Representações de Género em Manuais Escolares, língua Portuguesa e Matemática: 1º ciclo*. Lisboa: CIDM (Coleção Mudar as Atitudes, nº 14), 2002.

GARRETT, Robyne. Gendered bodies and physical identities. In: WRIGHT, J. E. (Ed.), *Body Knowledge and Control. Studies in the sociology of physical education and health*. London: Routledge, 2004. p. 140-156.

GRIFFIN, Patricia. Gender as a Socializing Agent in Physical Education. In: SCHEMP, T.J. (Ed.), *Socialization into Physical Education: learning to teach*. Indianapolis : Benchmark, 1989. p. 219-234.

Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 31-58, janeiro/abril de 2006.

- GUERRA, Sandra; DUARTE, José; MOTA, Jorge. Physical activity and Cardiovascular Disease Risk Factors in Schoolchildren. *European Physical Education Review*, v. 7, n. 3, 269-281, 2001.
- HALL, Ann. How should theorize gender in the context of sport? In: MESSNER, M. A.; SABO, D.F. (Eds.), *Sport, Men and the Gender Order. Critical Feminist Perspectives*. Champaign, IL: Human Kinetics, 1990. p. 223-240.
- HALL, Ann. The "Doing" of Feminist Research. In: HALL, A. (Ed.), *Feminism and Sporting Bodies*. Champaign IL: Human Kinetics, p. 69-87, 1996.
- HENRIQUES, Fernanda; PINTO, Teresa. Educação e Género. Dos anos 70 ao final do século XX: subsídios para a compreensão da situação. *Ex Aequo*, n. 6, p. 11-54, 2002.
- LOURO, Guardira. *Curriculum, Género e Sexualidade*. Porto: Porto, 2000.
- MACEDO, Ana; AMARAL, Ana. *Dicionário da Crítica Feminista*. Porto: Afrontamento, 2005.
- MARTELO, M. Jesus. *A Escola e a Construção da Identidade das Raparigas: o exemplo dos manuais escolares*. Lisboa: CIDM, 1999. (Coleção Mudar as Atitudes, 13).
- MERTENS, Donna. *Research Methods in Education and Psychology. Integrating Diversity with Quantitative & Qualitative Approaches*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1998.
- MOURA, Maria. *Interculturalidade nos Manuais Escolares do 1º ciclo do Ensino Básico*. Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais. Lisboa: Universidade Aberta, 2001.
- NATHANIELS, Peter; BERGHORN, Karl; DERKS, Jan; GUISANI, Dino; DOCHERTY, C.; UNNO, Nobuya; DAVENPORT, Anthony; KOENEN, S.; VISSER, Gerard; NIJLAND, Mark. Life before Birth: effects of cortisol on future cardiovascular and metabolic function. *Acta Paediatrica*, v. 12, p. 766-772, 2003.
- PATTON, Michael. *Qualitative Evaluation and Research Methods*. Newbury Park, CA: Sage, 1990.
- SALLIS, James. Age-related decline in Physical Activity: a synthesis of human and animal studies. *Medicine and Science in Sports and Exercise*, v. 32, p. 1598-1600, 2000.
- SALLIS, James; PROCHASKA, Judith.; TAYLOR, Wendell. A Review of Correlates of Physical Activity of Children and Adolescents. *Medicine and Science in Sports and Exercise*, v. 32, p. 963-975, 2000.

Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 31-58, janeiro/abril de 2006.

SILVA, Paula; BOTELHO GOMES, Paula; GRAÇA, Amândio; QUEIRÓS, Paula. Acerca do Debate Metodológico na Investigação Feminista. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, v. 5, n. 3, p. 358-370, 2005.

TALBOT, Margaret. Should Gender be on the Agenda for Physical Education? In: *II CONGRESSO INTERNACIONAL MULHERES E DESPORTO: AGIR PARA A MUDANÇA*. Porto, 2003.

TELAMA, Risto; YANG, Xiaolin. Decline of Physical Activity from Youth to Young Adulthood in Finland. *Medicine and Science in Sports and Exercise*, v. 32, p. 1617-1622, 2000.

TUCKMAN, Bruce. *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2000.

VAN MECHELEN, Willem; TWISK, Jos; POST, G; SNEL, J.; KEMPER, Han. Physical Activity of Young People: the Amsterdam longitudinal growth and health study. *Medicine and Science in Sports and Exercise*, v. 32, p. 1610-1616, 2000.

Recebido em: 30/11/2005
Aprovado em: 24/02/2006

Universidade do Porto
Rua Dr. Plácido Costa, 91
4200-450 - Porto
Portugal
Paula Silva
psilva@fcdef.up.pt

Paula Botelho-Gomes
botgomes@fcdef.up.pt

Paula Queirós
pqueiros@fcdef.up.pt